

Um banquete completo para saborear o Mestrado da Cásper Líbero

Viviane Mansi

O livro *Estudos de comunicação contemporânea* representa a qualidade das intenções e das produções do Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, que deixa claro o propósito primeiro – que é o de sua área de concentração – de criar, investigar, dialogar e refletir sobre a comunicação.

A ideia de compilar a produção dos professores da casa não é nova. Em 2010, outra coletânea, *Comunicação: diálogos, processos e teorias* foi lançada, sob a organização de Walter Teixeira Lima Jr. e Cláudio Novaes Pinto Coelho, cobrindo igualmente uma série de temas que constituem os eixos investigativos do Mestrado.

O título lançado agora, *Estudos de comunicação contemporânea*, sob a organização de Cláudio Novaes Pinto Coelho, Dimas Künsch e José Eugênio Menezes, pode ser considerado uma continuação, da mesma importância, sobre a comunicação na atualidade. Um banquete propriamente dito.

A “entrada”, também conhecida como “apresentação”, é assinada por Malena Segura Contrera, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e pós-doutora em Multiculturalismo e Mídia pela UFRJ.

O prato principal é servido em três partes. A primeira delas está relacionada a perspectivas teóricas e traz textos de Dimas Künsch, José Eugênio Menezes, Edilson Cazeloto, Cláudio Novaes Pinto Coelho e Luís Mauro Sá Martino. Nesse conjunto de capítulos fica evidente a preocupação dos autores com a compreensão, os afetos, um novo jeito de fazer e ver a comunicação, além do resgate da legitimidade científica desse campo.

No artigo *O Saber da ternura e a epistemologia da comunicação*, Künsch reflete sobre a

Estudos de comunicação contemporânea: perspectivas e trajetórias

Claudio N. P. Coelho
Dimas A. Künsch
José Eugenio de O. Menezes

São Paulo
Editora Plêiade, 2012. 273 p.



necessidade da relação entre “razão e afeto, ciência e ternura” para um olhar mais compreensivo da comunicação.

Menezes mergulha no universo de Vilém Flusser e sua contribuição para a compreensão dos processos mediáticos contemporâneos.

Cazeloto articula ideias em torno do conceito de hegemonia na cibercultura. Segundo o autor, é preciso entender e refletir sobre “a forma como o computador colabora na manutenção de relações sociais específicas e de modos de dominação que são típicos do mundo contemporâneo”. Em outro artigo sobre cibercultura, Cazeloto explora até que ponto os usuários de internet, de fato, utilizam esse meio para participação política ou exercício de cidadania.

Coelho escreve o artigo *Teoria crítica, ideologia e jornalismo na contemporaneidade*, abordando uma série de questões críticas da comunicação na atualidade, entre elas a promiscuidade publicidade/jornalística.

Por fim, Martino fala sobre a ética no campo jornalístico, a partir de entrevistas com di-

versos profissionais do jornalismo. A questão do conflito entre interesses pessoais e empresariais é abordada ao longo de todo o artigo.

A segunda parte, denominada Visualidades, é escrita por Dulcília Helena Schroeder Buitoni, Simonetta Persichetti e Antonio Roberto Chiachiri Filho, que se ocupam com o tema da imagem em seus diversos contextos.

A primeira autora escreve o artigo *Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real*, no qual explora a fotografia como uma narrativa e o quanto ela conversa com a realidade cada vez mais complexa.

No texto *O fotojornalismo na cultura da mídia e do entretenimento*, Persichetti destaca o papel dos fotojornalistas como autores. Ela critica a “fotografia, tida como uma máquina de criar certezas”, especialmente em “uma sociedade onde o entretenimento prevalece”, e a coloca na condição de ponto de vista, ou melhor, de um olhar para a realidade.

Chiachiri Filho escreve sobre o cenário fotográfico. Num texto sinestésico, inclusive no seu título (*Comer com os olhos*), ele explora como o signo visual pode provocar outras sensações e “tem o poder de criar um espaço, de criar uma narrativa visual”.

Para fechar essa segunda parte, um segundo texto de Persichetti fala sobre o olhar de José Manuel Ballester, fotógrafo espanhol que, segundo a autora, está em “sintonia com a criação da imagem contemporânea”.

A terceira e última parte tem como título *Trajatórias*. Nela, Cláudio Novaes Pinto Coelho, Dulcília Buitoni, Roberto Chiachiri e Luís Mauro Sá Martino falam sobre presente e futuro da comunicação, sob o ponto de vista das preocupações do Mestrado da Cásper Líbero. Malena, ainda na apresentação, lembra que “perder a trajetória é exatamente o que significa a palavra tragédia”.

Coelho descreve um dos eixos temáticos das pesquisas desenvolvidas na Cásper Líbe-

ro, que pretendem “investigar as características dos produtos midiáticos no contexto da sociedade do espetáculo”, com o objetivo de pensar criticamente o papel da comunicação nos dias atuais sob essa perspectiva.

Buitoni, por sua vez, escreve sobre os caminhos das narrativas imagéticas a partir de sua própria história e de sua atuação no Programa de Mestrado. Na Cásper Líbero, “narrativa e imagem são eixos articuladores de reflexão e de trabalho pedagógico”.

No artigo *Aprender e ensinar linguagens da tecnologia*, Chiachiri discute as linguagens da tecnologia digital.

Martino conclui essa parte – e também o livro – falando sobre o ensino e o estudo da comunicação. Nada mais apropriado para a obra. O autor explora “a possibilidade de um encontro dialógico e reflexivo com alteridade, seja um colega seja um autor”. Resgata, assim, um tema já explorado por Künsch no primeiro artigo: a dimensão afetiva do conhecimento.

A esta altura o leitor deve se perguntar onde está a sobremesa. Esta é representada pelo convite para ir (ou voltar) à Cásper Líbero e ter o prazer de encontrar e dialogar com esses autores ao vivo, pelos corredores ou salas de aula, nos grupos de pesquisa ou em livros e revistas científicas que põem essa discussão ao alcance da comunidade acadêmica e do público interessado em geral.

A Cásper Líbero é um ponto de encontro. Desses para onde sempre vale a pena voltar e permitir que novos encontros aconteçam e novas narrativas sejam criadas. É bem disso que estamos falando no livro que o leitor tem em mãos.

(resenha recebida ago.2013/ aprovada ago.2013)

Viviane Mansi é mestranda em Comunicação na Faculdade Cásper Líbero.